



OTÁVIO — Ai! Tristes notícias para um coração amoroso! Duros extremos a que me vejo reduzido! Você, Silvestre, acaba de saber no porto que meu pai está de volta?

SILVESTRE — Está de volta.

OTÁVIO — E chega agora de manhã?

SILVESTRE — Agora de manhã.

OTÁVIO — E vem disposto a me casar?

SILVESTRE — Disposto a casá-lo.

OTÁVIO — Com uma filha do senhor Geronte?

SILVESTRE — Do senhor Geronte.

OTÁVIO — E esta moça vem mandada de Tarento para isso?

SILVESTRE — Para isso.

OTÁVIO — E você recebeu estas notícias por meu tio?

SILVESTRE — Pelo senhor seu tio.

OTÁVIO — E meu pai mandou dizer tudo isso por uma carta?

SILVESTRE — Por uma carta.

OTÁVIO — Meu tio, pelo que você diz, sabe todo o negócio?

SILVESTRE — Sabe todo o negócio.

OTÁVIO — Homem, diga alguma coisa pelo amor de Deus! A gente tem que lhe arrancar as palavras da boca!

SILVESTRE — Para que falar? O senhor não se esquece de nada, diz tudo como é!

OTÁVIO — Dê-me um conselho, diga o que eu posso fazer nessas conjunturas tão cruéis!

SILVESTRE — Eu estou tão aperreado quanto o senhor.

OTÁVIO — Estou em tempo de morrer por causa desse regresso maldito.

SILVESTRE — E eu já estou morto.

OTÁVIO — Quando meu pai souber de tudo, vai cair em cima de mim como uma tempestade de censuras.

SILVESTRE — As censuras não são nada, queria eu sair de tudo por esse preço! Em mim, a tempestade vai ser de cacetadas. E por sua culpa!

OTÁVIO — Ai, meu Deus, como sair dessa agonia em que me encontro?

SILVESTRE — Devia ter pensado nisso antes de se meter nela.

OTÁVIO — E ainda por fora você vem me dar lições!

SILVESTRE — E o senhor, por fora, não me meteu nos seus negócios?

OTÁVIO — Que fazer? Que resolução tomar? A que remédio recorrer?

ESCAPIM — *(Entrando.)* Que é isso, senhor Otávio, o que é que o senhor tem, está todo aperriado, que agonia é essa?

OTÁVIO — Ah, meu pobre Escapim, estou perdido, estou desesperado, sou o mais infortunado de todos os homens!

ESCAPIM — Como é?

OTÁVIO — Você não soube de nada?

ESCAPIM — Não.

OTÁVIO — Meu pai vem por aí com o senhor Geronte e querem me casar.

ESCAPIM — E o que é que tem isso?

OTÁVIO — Ai de mim, você não sabe a causa de meu aperreio.

ESCAPIM — Sei mesmo não, mas o senhor me contará e eu sou o homem mais consolador, mais interessado nos aperreios da gente moça! *(Abraça-o e assoa-se com um lenço; enxuga uma lágrima.)*

OTÁVIO — Ah, Escapim, se você inventasse alguma coisa para me tirar dessa, eu ficaria lhe devendo um favor para o resto da vida.

ESCAPIM — *(Abanando o lenço para guardá-lo.)* Para dizer a verdade e modéstia à parte, existem poucas coisas impossíveis para mim, quando nelas eu quero entrar. Parece que o céu quis me dar gênio para todas essas molecagens, para essas gentilezas de espírito, para estas galanterias engenhosas a que o vulgo ignorante chama de fuxicos e trapaças. Posso dizer, sem vaidade, que nunca houve um como eu, operário de intrigas e desintragas, coberto de glórias nesse ofício tão cheio de nobreza. Mas hoje em dia não se reconhece mais o valor de ninguém e eu renunciei a todas essas coisas, depois dum desgosto que tive num negócio.

OTÁVIO — Que negócio, Escapim?

ESCAPIM — Uma aventura em que a polícia se meteu.

OTÁVIO — A polícia?

ESCAPIM — Sim, nós tivemos um pequeno desentendimento.

SILVESTRE — Você e a polícia?

ESCAPIM — Sim. Ela se portou muito mal comigo e eu fiquei tão desgostoso com a ingratidão do mundo que resolvi me aquietar. Basta! Mas não deixe de me contar sua aventura.

OTÁVIO — Há dois meses meu pai e o senhor Geronte embarcaram juntos para uma viagem de comércio em que são sócios.

ESCAPIM — Bom, isso é velho.

OTÁVIO — Nossos pais deixaram a mim sob os cuidados de Silvestre e a Leandro sob seus cuidados.

ESCAPIM — Isso também é velho. De minha parte eu cumpri minha obrigação.

OTÁVIO — Pouco tempo depois, Leandro encontrou uma cigana moça por quem se apaixonou.

ESCAPIM — Bom, isso é velho.

OTÁVIO — Como nós somos grandes amigos, ele me contou logo tudo, e me levou para ver essa moça, que achei na verdade bonita, se bem que não tanto como ele queria que eu achasse. Ele só conversava sobre ela, de sua beleza, de sua graça, louvava seu espírito e reclamava porque eu não era sensível ao fogo do amor.

ESCAPIM — Em que é que isso vai dar?

OTÁVIO — Um dia, quando eu o acompanhava para ver a moça, ouvimos, numa casinha, numa rua afastada, um choro, umas lamentações, uns soluços.

ESCAPIM — Em que é que isso vai dar?

OTÁVIO — A curiosidade nos levou a entrar. Entramos numa sala, onde vimos uma velha mulher agonizante, assistida por uma empregada e por uma moça que chorava, a mais bela e mais comovente que pode existir.

ESCAPIM — Ai, ai, ai!

OTÁVIO — Uma outra teria parecido feia na mesma situação, porque ela só vestia uma sainha, com uma camisinha de dormir até aqui e estava com os cabelos em desordem, caindo nas costas. E no entanto, assim como lhe digo, brilhava no maior encanto e toda a sua pessoa era feita de concordâncias e atrações.

ESCAPIM — Estou começando a ver em que é que isso vai dar.

OTÁVIO — Se você a tivesse visto, Escapim, do jeito que eu a vi, você a teria achado linda!

ESCAPIM — Homem, do jeito que você a viu, eu acredito mesmo sem ter visto.

OTÁVIO — Suas lágrimas não eram dessas desagradáveis que tornam o rosto feio. Chorando, ela tinha uma graça comovente, e sua dor era a mais bela do mundo.

ESCAPIM — Já entendi tudo.

OTÁVIO — Ela comovia qualquer um, chamando por sua mãe moribunda, e não havia ninguém que não ficasse com a alma traspassada, vendo um gênio tão doce.

ESCAPIM — E com esse gênio doce, você se apaixonou.

OTÁVIO — Ah, Escapim, um bárbaro teria feito o mesmo!

ESCAPIM — Ah, não tenha dúvida, não há quem possa!

OTÁVIO — Depois de tentar, com algumas palavras, suavizar a dor dessa aflita encantadora, nós saímos e eu perguntei a Leandro o que ela lhe parecia. Ele respondeu friamente que a tinha achado “muito bonita”. Eu fiquei chocado com a frieza dele e não quis mais lhe contar o efeito que a beleza dela tinha causado em mim.

SILVESTRE — Temos assunto até amanhã. Deixe que eu conto tudo em duas palavras. Seu coração pegou fogo, ele não sabia mais fazer nada que não fosse consolar a aflita, as visitas começaram a ser recusadas pela

empregada, agora governanta pela morte da mãe, o homem ficou desesperado, pediu, suplicou, rogou. Disseram-lhe que a moça, apesar de pobre e sem apoio, era de família honrada e que só ia casando, o amor aumentou com a dificuldade, ele consultou a cabeça, mediu, pensou, sopesou, tomou sua decisão e casou-se com ela há três dias.

ESCAPIM — Entendi.

SILVESTRE — Agora, misture com tudo isso a volta imprevista do pai que só vinha daqui a dois meses, a descoberta que o tio fez do casamento e o outro casamento que querem fazer dele com a filha que o senhor Geronte teve de uma segunda mulher que arranjou em Tarento.

ESCAPIM — Misturei tudo.

OTÁVIO — E, por cima de tudo isso, bote ainda a pobreza de minha encantadora esposa e a impossibilidade em que me vejo de socorrê-la.

ESCAPIM — E o barulho todo é esse? Isso é nada! Você não tem vergonha de se atar com tão pouca coisa? Que diabo, um homem grande e gordo como você! Devia ter já pensado na cabeça, forjado no espírito, qualquer intriga galante, qualquer estratagem para ajustar o negócio.

SILVESTRE — Eu confesso que o céu não me deu um talento como o seu. Falta-me espírito para me enrascar com a polícia.

Entra JACINTA.

OTÁVIO — *(Curvando-se e tomando-a pela mão, que beija.)* Eis minha amável Jacinta.

JACINTA — Ah, Otávio, é verdade o que Silvestre disse a Nerina? Seu pai está de volta e quer que você se case?

OTÁVIO — É verdade, bela Jacinta, e essas notícias feriram-me cruelmente.

(JACINTA oculta a cabeça entre as mãos e volta-se de costas.) Que é isso, está chorando? Por que essas lágrimas? Você tem alguma desconfiança de mim? Não está certa do amor que lhe tenho?

JACINTA — Sim, estou certa de que você me ama, mas não de que me ame sempre.

OTÁVIO — E pode ninguém amá-la sem ser por toda a vida?

JACINTA — Já ouvi dizer que os homens amam durante menos tempo do que as mulheres. Que o amor deles é fogo que nasce depressa e morre mais depressa ainda.

OTÁVIO — Meu coração não é feito como o dos outros homens. Eu a amarei até a morte.

JACINTA — Acredito no que você me diz. Mas tenho medo dessa força que vai combater no seu coração os ternos sentimentos que você tem por mim. Você depende de seu pai, e ele quer casá-lo com outra. Se essa desgraça acontecer, estou certa de que morrerei.

OTÁVIO — Não, Jacinta, não há pai que me obrigue a faltar ao que lhe devo. Prefiro deixar minha terra a deixá-la, se for preciso. Eu ainda não vi essa moça com quem querem me casar, mas já estou com raiva dela. Mas não chore, senão morro de desgosto. Suas lágrimas atravessam meu coração.

JACINTA — Pronto, as lágrimas estão enxutas. Esperarei o que o céu resolva a meu respeito.

OTÁVIO — O céu nos será favorável.

JACINTA — Ele será favorável se você me for fiel.

OTÁVIO — Eu o serei.

JACINTA — Então eu serei feliz.

ESCAPIM — Até que não é muito imbecil não! Eu a acho até passável.

OTÁVIO — Eis aqui uma pessoa que, se quiser, pode nos socorrer maravilhosamente.

ESCAPIM — Bem, eu prometi não me meter mais em nada. Mas se vocês me pedirem com jeito é bem possível que eu pense no caso.

OTÁVIO — Ah, eu lhe peço de todo coração que você tome a direção de nosso barco.

ESCAPIM — E você? Não diz nada?

JACINTA — Peço-lhe, do mesmo modo que ele, por tudo o que lhe é mais caro no mundo, que ajude nosso amor.

ESCAPIM — Bem, afinal de contas é preciso ser caridoso. Aceito o emprego.

OTÁVIO — Você acha que...

ESCAPIM — Psiu. (*A JACINTA.*) Saia e fique descansada. (*JACINTA sai.*) Você, prepare-se para enfrentar seu pai.

OTÁVIO — Estou tremendo de véspera. Sou tímido por natureza.

ESCAPIM — Mas é preciso parecer firme no primeiro choque, senão ele toma seu pulso. Vamos, arranje uma cara aí. Um pouco de atrevimento e trate de responder com coragem a tudo o que ele lhe disser.

OTÁVIO — Farei o melhor que puder.

ESCAPIM — Vamos ensaiar um pouco para você se acostumar. Quero ver como você se sai. Vá, cara fechada, cabeça para cima, o olhar cheio de segurança.

OTÁVIO — Assim?

ESCAPIM — Um pouco mais.

OTÁVIO — Assim?

ESCAPIM — Está bom. Agora imagine que eu sou seu pai e me responda firme, como se fosse a ele mesmo. “Então, safado, canalha, infame, filho indigno de um pai como eu, você tem coragem de aparecer diante de mim depois do que fez? Depois da traição que me fez pelas costas? É esse o prêmio de meus cuidados, vagabundo? É esse o respeito que me deve, o respeito que você me tem?” Vá, homem! “Você teve coragem, bandido, de casar sem consentimento do seu pai, de contratar um casamento clandestino? Responda, atrevido, responda! Diga alguma coisa, algumas de suas belas coisas!” Como é, você fica assim?

OTÁVIO — É que você não tem que ver meu pai!

ESCAPIM — Mas é por isso mesmo que é preciso reagir.

OTÁVIO — Então está certo. Vou tomar coragem e responder firme.

ESCAPIM — Garante?

OTÁVIO — Garanto.

ESCAPIM — Aí vem seu pai.

OTÁVIO — Ai! *(Corre.)*

ESCAPIM — Otávio!

OTÁVIO — *(Já de fora.)* Ai!

ESCAPIM — Otávio! Fugiu. Que qualidade de homem! Agora é esperar o velho.

SILVESTRE — Que é que eu vou dizer?

ESCAPIM — Deixe comigo, vá por mim.

ARGANTE — *(Entrando.)* Já se viu uma ação como essa?

ESCAPIM — Já sabe de tudo e está com tanta raiva que deu para falar só.

ARGANTE — E não deixa de ser um ato de coragem! Quero mesmo ver o que é que vão me dizer sobre esse casamento.

ESCAPIM — Não se incomode não, que já está tudo pensado.

ARGANTE — Será que vão negar a história?

ESCAPIM — Não, ninguém pensa nisso.

ARGANTE — Ou será que vão se desculpar?

ESCAPIM — Bom, isso pode-se tentar.

ARGANTE — Será que me vêm com histórias para boi dormir?

ESCAPIM — Pode ser.

ARGANTE — Tudo o que disserem será inútil.

ESCAPIM — Bom, isso é o que vai se ver.

ARGANTE — A mim ninguém engana.

ESCAPIM — Acho bom não jurar.

ARGANTE — Se não houver outro jeito, boto meu filho na cadeia.

ESCAPIM — Disso a gente cuida.

ARGANTE — Quanto ao safado do Silvestre, vou matá-lo de pancadas.

SILVESTRE — Já estava espantado com o esquecimento.

ARGANTE — *(Agarrando-o.)* Ah, você está aí, grande cuidador da família dos outros, belo diretor dos moços.

ESCAPIM — Meu senhor, estou encantado de vê-lo aqui de volta.

ARGANTE — Bom dia, Escapim. *(A SILVESTRE.)* Então é assim que você seguiu minhas ordens? É assim que meu filho se comporta na minha ausência?

ESCAPIM — O senhor, pelo que eu vejo, está passando bem.

ARGANTE — Muito bem. *(A SILVESTRE.)* Você não diz nada, canalha? Não diz nada?

ESCAPIM — Fez boa viagem?

ARGANTE — Ora bolas, fiz. Deixe eu brigar descansado!

ESCAPIM — O senhor quer brigar?

ARGANTE — Quero, quero brigar!

ESCAPIM — Com quem, meu senhor?

ARGANTE — Com esse safado aí. *(Vai agredir SILVESTRE. ESCAPIM dá um salto e se interpõe entre os dois.)*

ESCAPIM — Por quê?

ARGANTE — Você não ouviu falar do que se passou em minha ausência?

ESCAPIM — Ouvi falar aí umas coisinhas.

ARGANTE — Umas coisinhas? Uma ação dessa natureza!

ESCAPIM — É, o senhor tem certa razão.

ARGANTE — Um atrevimento desse!

ESCAPIM — Bem, é verdade.

ARGANTE — Um filho que se casa sem o consentimento do pai!

ESCAPIM — Sim, de certo modo está errado. Mas eu acho que o senhor não deve fazer barulho.

ARGANTE — Pois eu acho exatamente o contrário e quero fazer barulho. Você acha que eu não tenho motivo para estar zangado?

ESCAPIM — Não, eu também fiquei zangado quando soube de tudo e cheguei a reclamar a seu filho. Pergunte a ele se eu não briguei, se não lhe disse que ele tinha lhe faltado com o respeito, ao senhor, um pai cujos pés ele devia beijar. Mesmo que fosse o senhor, não teria falado melhor. Mas depois eu cheguei para a razão e achei que, no fundo, ele não estava tão errado quanto parecia.

ARGANTE — O quê? Ele não está errado, casando-se de repente com uma desconhecida?

ESCAPIM — Que é que ele podia fazer? Foi o destino que o empurrou.

ARGANTE — Ah, bem, foi o destino! Então ele tem toda razão. Pode cometer todos os crimes, enganar, furtar, matar, e dar como desculpa que o destino foi quem empurrou.

ESCAPIM — O que eu quis dizer foi que ele foi levado pela fatalidade.

ARGANTE — E por que ele se deixou levar?

ESCAPIM — Os moços são moços e não têm a prudência necessária. Veja Leandro: apesar de tudo o que eu lhe ensinei, fez por seu lado coisa pior do que a de seu filho. O senhor mesmo deve ter sido moço e feito muita bandalheira no seu tempo!

ARGANTE — Mas fiquei sempre no namoro, sem ter ido até onde ele foi.

ESCAPIM — Que é que ele podia fazer? Ele viu uma moça que o amava. Sim, porque ele puxou ao senhor nisso de ser amado por todas as mulheres. Achou a moça encantadora, fez visitas, contou doçuras, suspirou delicadamente, bancou o apaixonado. Ela se rende à perseguição e ele avança a fortuna. Ei-lo pegado com ela pelos pais, que à força o obrigaram a casar.

SILVESTRE — (*À parte.*) Mas que sujeito terrível!

ESCAPIM — O senhor queria que ele preferisse a morte? Antes casado do que morto!

ARGANTE — Não tinham me dito que o negócio tinha se passado assim.

ESCAPIM — (*Mostrando SILVESTRE.*) Pois pergunte a ele. Garanto que não dirá o contrário.

ARGANTE — É verdade que ele se casou à força?

SILVESTRE — É, meu senhor.

ESCAPIM — E eu ia lhe mentir?

ARGANTE — Ele devia ter protestado contra essa violência no tabelião.

ESCAPIM — Ah, isso é o que ele não ia fazer.

ARGANTE — Isso me teria facilitado a anulação desse casamento.

ESCAPIM — Anular o casamento?

ARGANTE — Sim.

ESCAPIM — O senhor não vai anular nada.

ARGANTE — Eu não vou anular?

ESCAPIM — Não.

ARGANTE — Então eu não tenho direito de exercer contra meu filho meus direitos de pai?

ESCAPIM — É uma coisa com que ele não concorda.

ARGANTE — Ah, ele não concorda...

ESCAPIM — Não.

ARGANTE — Meu filho?

ESCAPIM — Seu filho. O senhor quer que ele confesse que teve medo? Isso não é coisa que ninguém confesse.

ARGANTE — Eu não tenho nada com isso.

ESCAPIM — É preciso, para honra dele e sua, que ele espalhe que se casou porque quis.

ARGANTE — E eu quero, para honra dele e minha, que ele diga exatamente o contrário.

ESCAPIM — Não, isso ele não dirá.

ARGANTE — Dirá, porque eu o obrigarei.

ESCAPIM — Estou lhe dizendo que ele não dirá.

ARGANTE — Ou ele diz ou eu o deserdar.

ESCAPIM — O senhor?

ARGANTE — Eu.

ESCAPIM — Essa é boa!

ARGANTE — Como? É boa? Boa por quê?

ESCAPIM — O senhor não o deserda.

ARGANTE — Eu não o deserdarei?

ESCAPIM — Não.

ARGANTE — Não?

ESCAPIM — Não.

ARGANTE — Ah, tem graça! Eu não deserdarei meu filho?

ESCAPIM — Não, não é o que eu estou dizendo?

ARGANTE — Quem me impedirá?

ESCAPIM — O senhor mesmo.

ARGANTE — Eu?

ESCAPIM — Sim. O senhor não tem peito para isso.

ARGANTE — Tenho!

ESCAPIM — O senhor está brincando.

ARGANTE — Eu não estou brincando.

ESCAPIM — A ternura paternal vai interferir.

ARGANTE — Ela não vai interferir.

ESCAPIM — Vai, vai!

ARGANTE — Estou lhe dizendo que não.

ESCAPIM — Besteira, besteira!

ARGANTE — Não diga: “besteira, besteira”.

ESCAPIM — Nada, eu o conheço, o senhor é bom por natureza.

ARGANTE — Não sou, não sou, e sou ruim quando quero. Vamos parar com isso, que não aguento mais! *(A SILVESTRE.)* Vá, canalha! *(Dando-lhe um empurrão.)* Vá procurar o safado do meu filho, que eu irei encontrar Geronte para lhe contar minha desgraça.

ESCAPIM — Se o senhor precisar de alguma coisa, é só chamar.

ARGANTE — Muito obrigado. Ah, e só tenho esse filho. A outra o céu me tirou. Se não, faria dela agora minha herdeira! *(Sai. ESCAPIM dá-lhe adeus com a mão mole, levando-o ao ridículo.)*

SILVESTRE — Confesso que você é um grande homem. O negócio está caminhando. Mas precisamos de dinheiro.

ESCAPIM — Deixe comigo, o plano está traçado. Só preciso de um homem de confiança para bancar um personagem de que tenho necessidade. Espere. Ajeite-se. Bote o chapéu com jeito de valente. Pise mais para um pé. Arranje olhos de gente ruim. Ande um pouco como rei de teatro. Está até bem. Venha comigo. Conheço um modo de disfarçar seu rosto e sua voz.

SILVESTRE — Pelo amor de Deus, não vá me enrascar com a polícia.

ESCAPIM — Que é isso, que é isso? Nós compartilharemos os perigos como irmãos. *(Braço nos ombros.)* E três anos de cadeia a mais ou a menos não são coisa de espantar para um coração cheio de nobreza. *(Saem dançando, de passo certo.)*

FIM DO PRIMEIRO ATO.





SEGUNDO ATO



GERONTE — Com certeza nosso pessoal chega hoje, já está em tempo. Um marinheiro que chegou de Tarento garantiu-me que tinha visto o homem embarcando. Mas, pelo que você me diz, minha filha vai encontrar tudo errado. Seu filho rompeu estranhamente os acordos que tínhamos feito.

ARGANTE — Não se aperreie por isso. Garanto-lhe que vou remover esse obstáculo. Estou trabalhando para isso.

GERONTE — Quer saber de uma coisa, Argante? A educação dos filhos é uma coisa que tem que ser bem cuidada.

ARGANTE — É claro. Por que você diz isso?

GERONTE — Estou dizendo que o mau comportamento dos filhos, na maioria dos casos, é causado pela má educação que os pais dão.

ARGANTE — É, às vezes isso acontece. Mas que quer dizer com isso?

GERONTE — O que eu quero dizer com isso?

ARGANTE — Sim.

GERONTE — O que eu quero dizer é que se você tivesse educado bem seu filho, ele não teria feito o que fez.

ARGANTE — Muito bem. Quer dizer então que você educou muito bem o seu.

GERONTE — Ah, eduquei. Eu não toleraria que ele fizesse nem a metade do que o seu fez.

ARGANTE — E se eu lhe dissesse que esse filho, que você, como o melhor dos pais, educou tão bem, fez pior do que o meu?

GERONTE — Como?

ARGANTE — Coma!

GERONTE — Que é que você quer dizer?

ARGANTE — Quero dizer, Geronte, que não se deve condenar tão facilmente a conduta dos outros. Aqueles que querem comentá-la devem olhar primeiro para casa, com todo cuidado.

GERONTE — Não estou entendendo.

ARGANTE — Não se incomode, porque tudo se explica já.

GERONTE — Você ouviu dizer alguma coisa de meu filho?

ARGANTE — É bem possível.

GERONTE — E o que foi?

ARGANTE — O seu Escapim me falou assim por alto, saiba lá dele (*Tapa nas costas*). Quanto a mim, vou consultar um advogado. Até loguinho. (*Sai.*)

GERONTE — Que terá havido? Pior ainda do que o dele! Por mim, não acredito que possa haver nada pior. Casar sem o consentimento do pai é a pior ação que se pode imaginar. Ah, você vem aí!

Entra LEANDRO, e vai beijar o pai.

LEANDRO — Ah, meu pai, como estou contente com sua volta!

GERONTE — *(Detendo-o no beijo.)* Pra lá. Falemos de negócios.

LEANDRO — Deixe ao menos eu beijá-lo!

GERONTE — Pra lá, já disse.

LEANDRO — Que é isso, meu pai? O senhor me proíbe de mostrar minha alegria beijando-o?

GERONTE — Proíbo. Temos um negócio a esclarecer.

LEANDRO — E o que é?

GERONTE — Espere. *(Aproxima-se.)* Deixe-me olhá-lo de cara.

LEANDRO — Que é?

GERONTE — Olhe pra meus olhos.

LEANDRO — Então?

GERONTE — O que foi que aconteceu aqui?

LEANDRO — O que foi que aconteceu?

GERONTE — *(Voltando.)* Sim. Que foi que você fez na minha ausência?

LEANDRO — O que é que o senhor quer que eu tenha feito?

GERONTE — Eu não quero que você tenha feito nada, quero saber o que você fez.

LEANDRO — Eu não fiz nada de que o senhor possa se queixar.

GERONTE — Nada?

LEANDRO — Nada.

GERONTE — Você fala bem convencido.

LEANDRO — É que estou seguro de minha inocência.

GERONTE — Escapim andou contando umas coisas a seu respeito.

LEANDRO — Escapim!

GERONTE — Ah, agora está perturbado, hein?

LEANDRO — Ele lhe disse alguma coisa a meu respeito?

GERONTE — Aqui não é lugar para se discutir isso. Vá para casa, eu voltarei já.
Ah, traidor, se você me desonrou, eu não o reconhecerei mais por filho e você fuja de minha presença. *(Sai.)*

LEANDRO — Trair-me dessa maneira! Um safado que devia ser o primeiro a esconder o que sabe, é o primeiro a contar tudo a meu pai! Ah, juro castigar essa traição!

OTÁVIO — *(Entrando com ESCAPIM.)* Meu querido Escapim, quanto lhe devo!
Você é um homem admirável. Foi o céu quem me mandou você.

LEANDRO — (*A ESCAPIM.*) Ah, você está aí. Estou encantado em vê-lo, senhor cabra ordinário.

ESCAPIM — Encantado, meu senhor, encantado. É bondade sua.

LEANDRO — (*Agarrando a espada.*) E ainda vem bancar o engraçado? Agora você vai aprender.

ESCAPIM — (*Ajoelhando-se.*) Meu senhor!

OTÁVIO — (*Impedindo LEANDRO.*) Leandro, por favor!

LEANDRO — Não, Otávio, não me segure!

ESCAPIM — (*De joelhos, correndo dele.*) Segure, meu senhor!

OTÁVIO — Peço-lhe por favor!

LEANDRO — (*Tentando ferir ESCAPIM.*) Deixe eu dar saída à minha raiva.

OTÁVIO — Não o maltrate, peço-lhe em nome de nossa amizade!

ESCAPIM — Mas o que foi que eu fiz?

LEANDRO — O que você fez, traidor?

OTÁVIO — (*Detendo-o.*) Calma, calma!

LEANDRO — Não, Otávio, quero que ele confesse a canalhice que me fez. Sim, safado, já soube da traição que você me fez. Contaram-me tudo. Você

pensava que tudo ficaria encoberto, mas agora confessa tudo ou eu o atravesso com minha espada.

ESCAPIM — O senhor teria coração para isso?

LEANDRO — Então fale.

ESCAPIM — Eu lhe fiz alguma coisa?

LEANDRO — Fez, safado, e sua consciência deve estar gritando.

ESCAPIM — Garanto-lhe que não sei de nada.

LEANDRO — Ah, não sabe de nada!

OTÁVIO — Leandro!

ESCAPIM — Está certo, eu confesso que bebi com meus amigos aquela caixa de vinho espanhol que tinham lhe dado de presente. E que depois furei as tampas para fazer que o vinho tinha se derramado.

LEANDRO — Ah, canalha, foi você que bebeu meu vinho espanhol?

ESCAPIM — Foi, meu senhor, e peço-lhe perdão.

LEANDRO — Só assim eu sabia. Mas não era isso que eu estava perguntando.

ESCAPIM — Não era isso não?

LEANDRO — Era coisa muito pior e você tem de confessar.

ESCAPIM — Meu senhor, não me lembro de ter feito mais nada.

LEANDRO — Fala ou não fala?

ESCAPIM — Ai! Está bem, meu senhor, é verdade. Naquele dia em que o senhor me mandou levar o relógio de presente à sua cigana, eu voltei para casa todo coberto de lama e de sangue e disse que tinha encontrado uns ladrões que tinham me dado uma surra e roubado o relógio. Fui eu que fiquei com ele.

LEANDRO — Foi você quem ficou com ele?

ESCAPIM — Foi, meu senhor, para poder ver que horas são.

LEANDRO — Ah, bandido, só assim eu sabia. Mas não era isso que eu estava perguntando.

ESCAPIM — Não era isso não?

LEANDRO — Não, e você tem de confessar.

ESCAPIM — Isso é uma desgraça!

LEANDRO — Vá, fale, que eu tenho pressa.

ESCAPIM — Meu senhor, foi tudo o que eu fiz.

LEANDRO — Ah, foi tudo?

ESCAPIM — Ai! Está certo, meu senhor, eu conto. Há uns seis meses não apareceu um lobisomem que lhe dava umas cacetadas toda noite?

LEANDRO — Apareceu, e daí?

ESCAPIM — O lobisomem era eu.

LEANDRO — Ah, safado, era você?

ESCAPIM — Era, meu senhor, para o senhor ficar com medo e acabar com aquele negócio de me botar para andar de noite, como era seu costume.

LEANDRO — Há tempo para cuidar disso tudo. Mas quero que você me confesse o que foi dizer a meu pai.

ESCAPIM — A seu pai?

LEANDRO — Sim, canalha, a meu pai.

ESCAPIM — Eu nem ao menos estive com ele ainda!

LEANDRO — Você não esteve com ele?

ESCAPIM — Não, meu senhor.

LEANDRO — Jura?

ESCAPIM — Juro. Ele mesmo vai lhe dizer isso.

LEANDRO — Pois se foi dele mesmo que eu ouvi!

ESCAPIM — Pois, não lhe faltando com o respeito, é mentira dele.

Entra CARLOS.

CARLOS — *(Ajoelhado ante LEANDRO.)* Senhor, trago-lhe uma notícia terrível para seu amor.

LEANDRO — Que há?

CARLOS — Os ciganos querem levar Zerbinete e ela mandou dizer, chorando, que se o senhor não arranja o dinheiro para eles dentro de duas horas, vai perdê-la para sempre.

LEANDRO — Dentro de duas horas?

CARLOS — De duas horas. *(LEANDRO despede-o com um gesto.)*

LEANDRO — Ai, Escapim, meu querido, imploro seu socorro!

ESCAPIM — “Ai, Escapim, meu querido!” Sou “Escapim meu querido” agora, porque estão precisando de mim.

LEANDRO — Eu perdoo tudo o que você me fez e mais ainda.

ESCAPIM — Não, não, nada de perdão. Passe a espada no meu corpo! Eu mesmo quero morrer!

LEANDRO — Não. Peço-lhe que me dê sua vida servindo a meu amor.

ESCAPIM — Qual, qual, é melhor me matar.

LEANDRO — Você é muito precioso para mim. Peço-lhe que me ajude empregando para isso esse gênio admirável que entende de tudo.

ESCAPIM — *(Dando-lhe as costas e cruzando os braços.)* Não, já disse que é melhor me matar.

LEANDRO — Por favor, não pense mais nisso e me socorra!

OTÁVIO — É preciso fazer alguma coisa por ele, Escapim.

ESCAPIM — Depois duma miséria dessas?

LEANDRO — Peço-lhe que esqueça isso e me ajude.

OTÁVIO — Eu junto meu pedido ao dele.

ESCAPIM — O insulto está ferindo meu coração.

OTÁVIO — Não seja tão rancoroso!

LEANDRO — Você vai me abandonar nessa cruel situação em que meu amor se encontra?

ESCAPIM — Pegar-me de surpresa com um insulto como esse!

LEANDRO — Eu confesso que estava errado.

ESCAPIM — Chamar-me de safado, de canalha, de ordinário, de infame!

LEANDRO — Eu lamento profundamente!

ESCAPIM — Querer me atravessar o corpo com a espada!

LEANDRO — Peço-lhe que me perdoe, de todo coração. E se é preciso que me ajoelhe, aqui estou, para lhe pedir que não me abandone.

OTÁVIO — Bem, Escapim, agora é preciso ceder.

ESCAPIM — Levante-se. De outra vez seja menos precipitado.

LEANDRO — Você promete trabalhar por mim?

ESCAPIM — Vou pensar no caso.

LEANDRO — Mas tem que ser logo.

ESCAPIM — Não se incomode. De quanto o senhor precisa?

LEANDRO — Quinhentos escudos.

ESCAPIM — E o senhor?

OTÁVIO — Duzentos.

ESCAPIM — Vou arranjar esse dinheiro com os pais de vocês. *(A OTÁVIO.)* Para o seu, o plano já está traçado. *(A LEANDRO.)* Quanto ao seu, se bem que avaro até o osso, será mais fácil ainda. Inteligência você sabe que, graças a Deus, ele tem pouca. Acredita em tudo que lhe contam. Isso não o ofende, porque você não puxou a ele. Mas o pai de Otávio vem aí. Já que é ele que se apresenta, vamos começar por ele. Saíam os dois. *(A OTÁVIO.)* Você, avise a Silvestre para vir fazer seu papel.

Saem os dois. Entra ARGANTE.

ESCAPIM — Continua falando só.

ARGANTE — Ter essa pouca consideração e essa pouca sabedoria! Meter-se num casamento como esse. Ah, mocidade impertinente!

ESCAPIM — Meu senhor, às suas ordens.

ARGANTE — Bom dia, Escapim.

ESCAPIM — Está pensando no negócio de seu filho?

ARGANTE — Eu lhe confesso que isso me faz muita raiva.

ESCAPIM — Meu senhor, a vida é misturada de agonias. É conveniente viver sempre preparado. E eu ouvi dizer, há muito tempo, um negócio que um antigo disse e que nunca esqueci.

ARGANTE — Que foi?

ESCAPIM — Que um pai de família, por pouco tempo que passe fora de casa, deve estar preparado para encontrar todos os acidentes quando voltar. Por mim, pratico sempre essa lição na minha pequena filosofia e quando volto para casa é sempre esperando a raiva dos patrões, os esbregues, os insultos, os pontapés no traseiro, cacetadas, tudo. E ainda dou graças a minha boa sorte pelo que deixa de me acontecer.

ARGANTE — E está certo. Mas esse casamento impertinente estragou tudo o que íamos fazer, é uma coisa que não posso suportar. Acabo de consultar os advogados para ver se o anulo.

ESCAPIM — Meu senhor, ouça o que lhe digo e veja se pode fazer um acordo. O senhor sabe perfeitamente o que significa um processo aqui e vai se

meter em camisa de onze varas.

ARGANTE — Você tem razão. Mas não vejo outro caminho.

ESCAPIM — Pois eu penso que vejo. A compaixão me mostrou um, pois se há uma coisa que não posso ver sem comover-me são os pais honestos desgostosos por causa dos filhos. E eu tive sempre pelo senhor uma afeição particular.

ARGANTE — Obrigado.

ESCAPIM — Eu fui procurar o irmão dessa moça com quem Otávio casou. É um desses assassinos de profissão, que têm mais dificuldade em engolir um copo de vinho do que em matar um homem. Conversei sobre o casamento e tanto enrolei por todos os lados que ele consentiu em rompê-lo, contanto que o senhor lhe desse dinheiro.

ARGANTE — E quanto ele quer?

ESCAPIM — Ah, de entrada começou a pedir muito.

ARGANTE — Quanto?

ESCAPIM — Uma extravagância.

ARGANTE — Mas quanto?

ESCAPIM — Nada mais nada menos do que quinhentos ou seiscentos escudos.

ARGANTE — Quinhentos ou seiscentos tabefes é o que ele quer. Ele quer brincar comigo, é?

ESCAPIM — Foi o que eu lhe disse. Mas ele respondeu que ia embarcar para o exército, precisava de um cavalo e isso não custava menos de sessenta escudos.

ARGANTE — Bem, sessenta escudos eu posso dar.

ESCAPIM — Era preciso ainda a sela e as armas e isso custava aí uns vinte escudos.

ARGANTE — Vinte escudos, mais sessenta são oitenta.

ESCAPIM — É mesmo.

ARGANTE — É muito. Mas vá lá, concordo.

ESCAPIM — É preciso ainda um cavalo para o criado e isso custa bem trinta escudos.

ARGANTE — Ah, cretino! Ele que se dane, não darei nada.

ESCAPIM — Meu senhor!

ARGANTE — Não, é um impertinente.

ESCAPIM — O senhor quer que o criado vá a pé?

ARGANTE — Ele que vá como quiser, com patrão e tudo.

ESCAPIM — Não se zangue. Para se livrar da justiça, todo sacrifício é pouco.

ARGANTE — Está bem, dou mais esses trinta escudos.

ESCAPIM — É preciso ainda um burro para transportar...

ARGANTE — Oh, que ele vá para o inferno com seu burro. É demais, vamos à justiça!

ESCAPIM — Meu senhor, por favor...

ARGANTE — Não, não há outro jeito.

ESCAPIM — Meu senhor, é somente um burrinho!

ARGANTE — Nem um jumento!

ESCAPIM — Pense bem...

ARGANTE — Não, prefiro questionar.

ESCAPIM — Ah, meu senhor, veja bem o que é a justiça! Veja as apelações, os juízes, os processos, o distribuidor, os procuradores, os escrivães, os substitutos, o tribunal, o secretário... Tudo isso são animais pelos quais se tem que passar e não há nenhum deles que hesite em dar umas tapas no melhor direito do mundo. Aparece sempre alguém para testemunhar o que não viu e o senhor será condenado sem nem ao menos saber por quê. Seu advogado e seu procurador se entenderão com a parte contrária e vendê-lo-ão por dinheiro. No dia da audiência, não virão, para defendê-lo, ou então vêm, e só dizem razões pró-forma. Os despachos serão dados parcialmente, para prejudicá-lo, e os oficiais de justiça darão fim a peças do processo. E mesmo que o senhor consiga vencer tudo isso, lembre-se de que os juízes terão recebido pedidos contra o senhor, ou dos beatos ou das mulheres a quem eles amam.

ARGANTE — Quanto custa o burro?

ESCAPIM — Meu senhor, contando o burro, o cavalo dele e o do empregado, a sela, as pistolas e mais alguma despesa que surja, vai tudo a duzentos escudos.

ARGANTE — Duzentos escudos?

ESCAPIM — Sim.

ARGANTE — Ah, não, vamos à questão!

ESCAPIM — Pense um pouco...

ARGANTE — Vou questionar.

ESCAPIM — Não vá se meter...

ARGANTE — Eu quero questionar.

ESCAPIM — Mas, para questionar, o senhor vai precisar de dinheiro. É preciso dinheiro para os selos, para a distribuição, para as procurações, para a petição inicial, conselhos, audiências e honorários de advogado. É preciso mais para as consultas, para as certidões, traslados, para os reconhecimentos, publicação das sentenças e dos acórdãos, arrestos, penhoras, controles, assinaturas, despachos e todos os tipos de execução. Isto sem se falar em todos os presentes que o senhor terá de dar. Entregue o dinheiro a este homem e pelo menos estará livre desse negócio.

ARGANTE — Mas duzentos escudos!

ESCAPIM — O senhor ainda sai ganhando. Andei fazendo as contas do que o senhor vai ter que gastar na justiça e descobri que se o senhor der esse

dinheiro ao homem, ainda sai ganhando cinquenta escudos, sem contar os aperreios de que vai se livrar. Só o que o senhor ganha em não ouvir as besteiras e as safadezas dos advogados, compensa até trezentos escudos.

ARGANTE — E eu me incomodo lá com o que os advogados dizem?

ESCAPIM — O senhor faça o que bem quiser. Mas se eu fosse o senhor, preferia não entrar nesse processo.

ARGANTE — Eu é que não vou pagar duzentos escudos assim.

ESCAPIM — Pois o homem vem aí.

Entra SILVESTRE, disfarçado.

SILVESTRE — Escapim, leve-me à presença desse tal de Argante, pai de Otávio.
(ARGANTE vai cautelosamente ao fundo e esconde-se atrás de ESCAPIM, de volta.)

ESCAPIM — Por quê, meu senhor?

SILVESTRE — Acabo de saber que ele quer me processar e anular o casamento de minha irmã.

ESCAPIM — Se ele está com essa ideia, eu não sei. O que eu sei é que ele não quer lhe dar os duzentos escudos. Disse que é muito.

SILVESTRE — Ah, morte, cabeça, faca, barriga! Se eu o encontrar, vou esfolá-lo vivo! *(ARGANTE se esconde tremendo atrás de ESCAPIM.)*

ESCAPIM — Meu senhor, o pai de Otávio é um homem de coragem, e talvez não tenha medo do senhor.

SILVESTRE — Ele? Arranco-lhe o fígado e bebo-lhe o sangue. Ah se ele estivesse aqui! Eu metia-lhe a espada na barriga! (*Afastando ESCAPIM com a mão.*) E quem é este sujeito?

ESCAPIM — (*Voltando.*) Não é esse não, meu senhor, não é esse não!

SILVESTRE — Não é nem amigo dele? (*Afasta-o de novo.*)

ESCAPIM — (*Voltando.*) Pelo contrário, é seu inimigo mortal.

SILVESTRE — (*Afasta-o de novo.*) Inimigo mortal?

ESCAPIM — (*Voltando.*) Sim.

SILVESTRE — (*Indo até ARGANTE.*) Ah, então estou encantado. Então o senhor é inimigo desse canalha de Argante, hein?

ESCAPIM — É, é, eu garanto por ele.

SILVESTRE — (*Estende-lhe a mão.*) Então, toque. Toque. Dou-lhe minha palavra de que não termino meu dia hoje sem desmanchar esse canalha consumado, esse tal de Argante. Pode confiar em mim.

ESCAPIM — Meu senhor, as violências ainda são punidas nesta terra.

SILVESTRE — Eu não tenho nada a perder.

ESCAPIM — Ele tomará suas precauções. Tem criados e parentes e tem amigos que não o deixarão só contra o senhor.

SILVESTRE — É assim mesmo que eu gosto, é mesmo assim. *(Fazendo evoluções com a espada.)* Ah, na cabeça! Olhe a barriga! Ah não estarem eles aqui, esse safado e sua gente! Como é, canalhas, vocês têm o atrevimento de se meterem para meu lado? *(Vira-se para o lado da casa de ARGANTE, num salto.)* Pois aguentem! Tomem, tomem. Ah, estão correndo? Tenham vergonha, sustentem a parada!

ESCAPIM — Espere aí, meu senhor, o negócio não é conosco!

SILVESTRE — Isso lhe ensinará a não brincar comigo. *(Sai.)*

ESCAPIM — Está vendo? Quantas pessoas mortas por causa de duzentos escudos? Vá, desejo-lhe boa sorte. *(Finge sair.)*

ARGANTE — *(Tremendo.)* Escapim!

ESCAPIM — *(Voltando.)* Às suas ordens.

ARGANTE — Resolvi pagar os duzentos escudos.

ESCAPIM — Fico muito contente porque gosto muito do senhor.

ARGANTE — Vamos procurar o homem, tenho o dinheiro aqui.

ESCAPIM — É melhor o senhor me entregar o dinheiro. Não fica bem o senhor aparecer diante dele depois de ter passado por outro, aqui. Além disso, pode ser que depois de apresentado ele venha com safadeza e queira pedir mais.

ARGANTE — É verdade, mas eu gostaria de ver em que está sendo empregado meu dinheiro.

ESCAPIM — O senhor está desconfiando de mim?

ARGANTE — Não, mas...

ESCAPIM — Meu senhor, das duas, uma: ou eu sou um enrolão ou um homem de confiança. Das duas, uma. Não está vendo que eu não ia enganá-lo? Nisso tudo eu só vejo seu interesse e o interesse de meu patrão. Se o senhor não tem confiança diga, porque eu deixo tudo agora mesmo e o senhor pode procurar outro a quem confiar seus negócios.

ARGANTE — Então tome.

ESCAPIM — *(De costas, rápido.)* Não, meu senhor, não me confie esse dinheiro. Eu prefiro que o senhor procure outro.

ARGANTE — Valha-me Deus, tome.

ESCAPIM — Não, não confie em mim. Quem sabe se eu não quero é ficar com esse dinheiro?

ARGANTE — Tome, já disse, não me faça pedir mais. Mas tome cuidado com o que faz com ele.

ESCAPIM — Deixe comigo, ele não está falando com nenhum trouxa.

ARGANTE — Eu vou esperá-lo em casa.

ESCAPIM — Não deixarei de encontrá-lo. *(ARGANTE sai.)* Peguei um; agora é pegar o outro. Ah, aí vem ele. O céu parece que quer mandá-los um por

um para meu papo.

Entra GERONTE.

ESCAPIM — *(De costas, fingindo não vê-lo.)* Ó céus, ó desgraça inesperada! Que fará agora o pobre Geronte?

GERONTE — Eu? Que diz ele, assim tão aflito?

ESCAPIM — Não há ninguém que me diga onde está o senhor Geronte?

GERONTE — O que há, Escapim?

ESCAPIM — Onde poderia eu encontrá-lo para lhe contar todo o seu infortúnio?

GERONTE — O que é que há?

ESCAPIM — Não há meio de encontrá-lo.

GERONTE — Estou aqui.

ESCAPIM — Ai, só quem está escondido. Não há quem o ache.

GERONTE — *(Segurando-o e voltando-o.)* Só quem está cego. Está me vendo, agora?

ESCAPIM — Ah, meu senhor, a coisa mais difícil do mundo é encontrá-lo.

GERONTE — Há bem uma hora que estou diante de você! Que é que há?

ESCAPIM — Meu senhor...

GERONTE — Diga, homem!

ESCAPIM — O senhor seu filho...

GERONTE — E então? Meu filho...

ESCAPIM — Caiu na desgraça mais estranha do mundo.

GERONTE — Qual foi?

ESCAPIM — Eu o encontrei muito triste por causa de umas coisas que o senhor tinha lhe dito. Aliás o senhor tinha me metido nelas dum jeito muito sem jeito. Procurando divertir essa tristeza, fomos dar um passeio no porto. Lá, havia um navio turco muito bem equipado e um jovem turco nos convidou a visitá-lo. Nós entramos e recebemos as maiores delicadezas, comemos frutas deliciosas e bebemos vinho do melhor.

GERONTE — E o que é que há de desgraçado nisso?

ESCAPIM — Espere, meu senhor, vamos chegar lá. Enquanto nós comíamos, o navio saiu de repente. Botaram-me num bote e mandaram-me dizer ao senhor que seu filho será levado para a Argélia se o senhor não mandar por mim quinhentos escudos para eles.

GERONTE — O quê? Quinhentos escudos?

ESCAPIM — Sim, meu senhor, e o prazo é de duas horas.

GERONTE — Ah, turcos safados! Me assassinarem desse jeito!

ESCAPIM — É preciso salvar seu filho da escravidão.

GERONTE — Mas que diabo ele foi fazer nesse navio?

ESCAPIM — Ele podia lá saber o que aconteceria?

GERONTE — Vá lá, Escapim. Vá e diga aos turcos que eu vou entregá-los à justiça.

ESCAPIM — Justiça no mar? O senhor quer brincar.

GERONTE — Mas que diabo ele foi fazer nesse navio?

ESCAPIM — O destino às vezes faz dessas com as pessoas.

GERONTE — Escapim, é preciso que você aja como um servidor fiel.

ESCAPIM — De que jeito, meu senhor?

GERONTE — Você vai aos turcos e fica no lugar do meu filho até que eu arranje o dinheiro.

ESCAPIM — Não está vendo que os turcos não aceitam essa troca? Em lugar de seu filho, um miserável como eu?

GERONTE — Mas que diabo ele foi fazer nesse navio?

ESCAPIM — Ele não podia adivinhar a desgraça. Meu senhor, são duas horas.

GERONTE — Você disse que ele pedia...

ESCAPIM — Quinhentos escudos.

GERONTE — Quinhentos escudos! Esse turco não tem consciência?

ESCAPIM — E o senhor já viu turco com consciência?

GERONTE — Será que ele sabe o que são quinhentos escudos?

ESCAPIM — Sabe, meu senhor, ele sabe que são mil e quinhentas libras.

GERONTE — E será que ele pensa que mil e quinhentas libras se acham assim à vontade?

ESCAPIM — É gente que não cuida na razão dos outros.

GERONTE — Mas que diabo ele foi fazer nesse navio?

ESCAPIM — Ele não podia prever nada. Mas meu senhor, por favor se apresse!

GERONTE — Tome, aqui está a chave do meu armário.

ESCAPIM — Está bem.

GERONTE — Você o abrirá.

ESCAPIM — E então?

GERONTE — Lá, do lado esquerdo, você encontrará uma chave grande. É a chave do compartimento de cima.

ESCAPIM — E então?

GERONTE — Você pegará todas as roupas que estão lá e vai vendê-las, para resgatar meu filho.

ESCAPIM — *(Devolvendo-lhe a chave.)* Que é isso, meu senhor, está sonhando? Isso não dará nem para cem francos. E o senhor sabe, além disso, que o tempo é pouco.

GERONTE — Mas que diabo ele foi fazer nesse navio?

ESCAPIM — Ah meu Deus! Deixe lá esse navio! Isso são palavras perdidas e o tempo é pouco! Quer perder seu filho? Ai, meu patrãozinho, nunca mais hei de vê-lo em minha vida! A essa hora já deve ser escravo na Argélia. Mas o céu é testemunha de que fiz tudo para resgatá-lo e se não consegui foi somente pela falta de amor de seu pai!

GERONTE — Espere, Escapim, vou arranjar esse dinheiro.

ESCAPIM — Então se apresse, meu senhor, que a hora está chegando.

GERONTE — Não terão sido quatrocentos escudos que ele pediu?

ESCAPIM — Não, foram quinhentos escudos.

GERONTE — Quinhentos escudos?

ESCAPIM — Sim.

GERONTE — Mas que diabo ele foi fazer nesse navio?

ESCAPIM — O senhor tem razão, mas a hora está chegando.

GERONTE — Não tinha nenhum outro passeio para fazer?

ESCAPIM — É verdade, mas corra!

GERONTE — Ah, maldito navio! Tome, Escapim, eu não me lembrava de que tinha acabado de receber exatamente esse dinheiro. (*ESCAPIM vai receber, GERONTE passa para a outra mão.*) Nunca eu podia acreditar que iria perdê-lo em tão pouco tempo. Tome, vá resgatar meu filho.

ESCAPIM — Pois não, meu senhor. (*ESCAPIM vai receber, GERONTE passa para a outra mão.*)

GERONTE — Mas diga a esse turco que ele é um criminoso.

ESCAPIM — Direi.

GERONTE — Um infame.

ESCAPIM — Sim senhor.

GERONTE — Um canalha, um ladrão.

ESCAPIM — Deixe por minha conta.

GERONTE — Diga que ele me roubou quinhentos escudos contra todas as espécies de direito.

ESCAPIM — Não tenha cuidado.

GERONTE — Diga que eu não o perdoarei nem neste mundo nem no outro.

ESCAPIM — Pois não.

GERONTE — E que se eu pegá-lo um dia, saberei me vingar dele. (*Guarda o dinheiro no bolso.*)

ESCAPIM — Sim senhor.

GERONTE — Vá, vá depressa resgatar meu filho.

ESCAPIM — Ei, meu senhor!

GERONTE — Que é?

ESCAPIM — E o dinheiro?

GERONTE — Eu não lhe dei não?

ESCAPIM — Não, o senhor botou de novo no bolso.

GERONTE — Ah, é verdade, é a dor que me perturba o espírito.

ESCAPIM — É, a gente vê logo.

GERONTE — (*Entregando o dinheiro.*) Mas que diabo ele foi fazer nesse navio? Ah, navio maldito! Ah turco dos seiscentos diabos! (*Sai.*)

ESCAPIM — Esses quinhentos escudos vão lhe doer até a morte. Mas ele ainda tem que me pagar a calúnia que me fez a seu filho.

Entram LEANDRO e OTÁVIO.

OTÁVIO — Muito bem, Escapim, conseguiu alguma coisa para mim?

ESCAPIM — Estão aí duzentos escudos que eu tomei do seu pai.

OTÁVIO — Ah, quanta alegria você me dá!

LEANDRO — E para tirar meu amor do desgosto em que ela se encontra? Fez você alguma coisa?

ESCAPIM — Para você não consegui nada.

LEANDRO — Então prefiro morrer, porque não posso viver sem Zerbinete.

ESCAPIM — Calma, calma, não seja tão impetuoso!

LEANDRO — Para que voltar?

ESCAPIM — O dinheiro está aqui!

LEANDRO — Ah, é a vida que você me dá!

ESCAPIM — Mas tenho uma condição para isso. Que você permita eu tirar uma pequena vingança de seu pai por causa do que ele foi lhe dizer.

LEANDRO — Faça o que você quiser.

ESCAPIM — Promete diante das testemunhas?

LEANDRO — Prometo.

ESCAPIM — Então tome os quinhentos escudos.

LEANDRO — Vamos então resgatar aquela a quem adoro (*Saem.*)

FIM DO SEGUNDO ATO.



A decorative rectangular border with ornate, symmetrical corner designs and a central horizontal line.

TERCEIRO ATO



SILVESTRE — *(Curvado, ao lado de JACINTA, aponta para que entrem ESCAPIM e ZERBINETE.)* Leandro e Otávio combinaram que vocês deviam se conhecer e nós cumprimos a ordem que nos deram.

JACINTA — Uma ordem não me podia ser mais agradável. Recebo com alegria uma companhia em minha sorte, e por mim a amizade que reina entre aqueles a quem nós amamos se estenderá até nós duas.

ZERBINETE — Aceito a proposta. Não sou capaz de recusar a amizade que me oferecem.

ESCAPIM — E quando é amor que lhe oferecem?

ZERBINETE — Aí é diferente. Amor é mais perigoso e eu não sou tão atrevida.

ESCAPIM — O que meu patrão acaba de fazer por você é coisa a que vai dar trabalho corresponder.

ZERBINETE — Confio na minha boa sorte. Mas isso não é bastante para corresponder ao que ele fez por mim. Sou por natureza alegre e rio a todo instante. Mas, mesmo rindo, encaro certas coisas com seriedade. Seu patrão está enganado se pensa que sou dele pelo simples fato de ter me resgatado. Isso custa mais alguma coisa além de dinheiro. Para que eu responda a seu amor do jeito que ele deseja, é preciso um dom de sua fé, algumas cerimônias se acham necessárias.

ESCAPIM — É mesmo assim que ele pensa. Ele a pretende bem e honradamente. Eu não sou homem para me meter em certos negócios e teria recusado este se ele tivesse outros pensamentos.

ZERBINETE — É o que eu quero acreditar, já que você me diz. Mas da parte do pai, sei que ele tentará impedir.

ESCAPIM — Nós acharemos um meio de arranjar as coisas.

JACINTA — A semelhança de nossos destinos deve contribuir ainda mais para o nascimento de nossa amizade. Estamos na mesma situação, expostas ao mesmo infortúnio.

ZERBINETE — Você tem a vantagem de pelo menos saber de que família nasceu. O apoio de seus parentes, que você pode dar a conhecer, pode ajustar tudo, para assegurar sua felicidade e conseguir um casamento que já está feito. Quanto a mim, não tenho nenhum socorro em minha condição.

JACINTA — Você tem, entretanto, uma vantagem: aquele que você ama não é tentado por outro casamento, como o meu.

ZERBINETE — A mudança de coração de uma pessoa que ama não é coisa que se possa temer. Pode-se pensar que se tem mérito suficiente para manter sua fidelidade. O que eu temo mais nessas coisas é o poder paterno, perto do qual o mérito de nada serve.

JACINTA — Ai de nós! Por que contrariam inclinações tão justas? Amar é uma coisa doce, mas somente quando não há obstáculos a essas amáveis cadeias que ligam dois corações.

ESCAPIM — Vocês estão brincando. A tranquilidade em amor é uma calma desagradável. Uma felicidade muito completa acaba sendo tediosa. Na vida é preciso altos e baixos, e a dificuldade que se mistura a essas coisas desperta os ardores e aumenta os prazeres.

ZERBINETE — Ah, Escapim, conte-nos então como você se saiu para tirar o dinheiro desse velhote avaro, dizem que foi tão engraçado! Sou louca por uma história assim!

ESCAPIM — Está aí Silvestre que sabe tão bem quanto eu. Estou planejando uma pequena vingança cujo prazer vou gozar.

SILVESTRE — Como é que, por simples prazer de se divertir, você vai se meter nesse perigo?

ESCAPIM — Divirto-me muito com essas coisas.

SILVESTRE — Se você ouvisse minha opinião, desistiria disso.

ESCAPIM — Mas nessa história de opinião eu só ouço a minha.

SILVESTRE — Em que diabo você vai se meter?

ESCAPIM — E que diabo você tem com isso?

SILVESTRE — É que eu estou vendo que você vai terminar levando, sem precisão, uma porção de cacetadas.

ESCAPIM — Bom, isso é com minhas costas e não com as suas.

SILVESTRE — É verdade, o dono delas é você e não eu. Faça o que entender.

ESCAPIM — Perigos iguais a esses nunca me detiveram. Eu odeio os corações sem coragem, que não ousam levar as coisas adiante com medo do que pode suceder.

ZERBINETE — Nós teremos necessidade de você.

ESCAPIM — Vão, eu irei encontrá-los depois. Ninguém dirá nunca mais que eu sou capaz de trair a mim mesmo, contando, sem querer, aquilo que precisava deixar em segredo.

Saem JACINTA, ZERBINETE e SILVESTRE.

GERONTE — *(Entrando.)* Olá, Escapim. Como vai o negócio de meu filho?

ESCAPIM — Seu filho, meu senhor, está em segurança. Mas o senhor corre agora mesmo o maior perigo do mundo.

GERONTE — Como?

ESCAPIM — Nesta hora em que lhe falo, estão procurando o senhor em toda parte, para matá-lo.

GERONTE — Eu?

ESCAPIM — Sim.

GERONTE — Quem?

ESCAPIM — O irmão dessa moça com quem Otávio se casou. Ele está pensando que é o senhor quem está querendo anular o casamento, para colocar sua filha no lugar da irmã dele. Está querendo matá-lo para vingar a honra de sua família. Todos os amigos dele, que são também assassinos profissionais, estão soltos por aí à sua procura.

GERONTE — Que é que eu faço, meu pobre Escapim?

ESCAPIM — Não sei, meu senhor. Estou temendo por sua vida. E... Espere!

GERONTE — *(Tremendo.)* Que foi?

ESCAPIM — Nada, nada, foi engano.

GERONTE — Você não é capaz de me sugerir nada para me tirar dessa situação?

ESCAPIM — Eu tinha pensado num meio, mas o negócio pode me complicar também.

GERONTE — Ah, Escapim, não me abandone! Seja um servidor fiel!

ESCAPIM — Esse é meu desejo, porque tenho muita amizade ao senhor!

GERONTE — Você será recompensado. Eu prometo lhe dar essa roupa. Quando ela estiver mais usadinha.

ESCAPIM — Está bem. O meio que eu encontrei foi o seguinte: o senhor se mete neste saco e... *(Volta-se e dá um pulo.)*

GERONTE — Ai!

ESCAPIM — Não, não foi ninguém. O senhor se mete no saco e fica bem caladinho. Eu o porei às costas, como um pacote, e o levarei assim, por entre seus inimigos, até sua casa. Lá nós estaremos em segurança contra qualquer violência.

GERONTE — Sua ideia é boa.

ESCAPIM — A melhor do mundo. O senhor vai ver. (*À parte.*) Agora ele me paga.

GERONTE — Como foi?

ESCAPIM — Estou aqui dizendo que seus inimigos vão ser bem enganados. Meta-se no saco e tenha cuidado: não bote a cabeça de fora nem diga nada, haja o que houver.

GERONTE — Deixe por minha conta. Eu saberei me manter...

ESCAPIM — Esconda-se, vem aí um dos assassinos. É um português, ou pelo menos fala como eles. (*GERONTE se esconde.*)

ESCAPIM — (*Com voz de português.*) Ah não, vou matar esse senhor Geronte! A questão é saber onde ele está!

ESCAPIM — (*A GERONTE, com voz comum.*) Cale a boca! Bem caladinho!

ESCAPIM — (*Com voz de português.*) Oh, meu senhor que está com o saco! Eu o regalarei com um escudo se o senhor me disser onde está o senhor Geronte!

ESCAPIM — (*Com voz natural.*) O senhor procura o senhor Geronte?

ESCAPIM — (*Com voz de português.*) Mas é claro que o procuro!

ESCAPIM — (*Com voz natural.*) E para quê, meu senhor?

ESCAPIM — (*Com voz de português.*) Para quê? Para matá-lo a cacete!

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Ah, meu senhor, não se dá de cacete num homem como ele. Ele não é homem para isso.

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Quem? Esse safado de Geronte, esse canalha, esse imbecil?

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Meu senhor, o senhor Geronte não é nem safado, nem canalha nem imbecil! Faça o favor de falar de outra maneira!

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* O quê? Você tem coragem de falar assim comigo?

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Estou somente defendendo um homem honesto a quem o senhor quer insultar.

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* O quê? Você será por acaso amigo desse Geronte?

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Sou, meu senhor.

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Ah, é? É seu amigo? Então aguenta!
(Pancadas no saco.) Tome, pela amizade que tem a ele.

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Ai, meu senhor, ai, ai! Está bom, não me dê mais! Ai, ai, ai!

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Está aí, leve isso para ele de minha parte.
Adeus!

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Ah, português dos seiscentos diabos!

GERONTE — *(Cabeça fora.)* Ai, Escapim, não aguento mais.

ESCAPIM — Nem eu, meu senhor. Estou todo moído, com as costas que não aguento.

GERONTE — Como, se foi nas minhas que ele deu?

ESCAPIM — Nas suas, não, foi nas minhas.

GERONTE — Era o que faltava! Então eu não senti as pancadas? Ainda estou sentindo!

ESCAPIM — Foi somente a ponta do cacete que bateu no senhor.

GERONTE — Por que você não se afastou um pouco para me livrar...

ESCAPIM — *(Empurrando-o para o saco.)* Cuidado, lá vem outro português.

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Ah, diabo, corri por todo canto e não há jeito de encontrar essa peste de Geronte.

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Esconda-se bem.

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Por favor, senhor, sabe me dizer onde está esse tal de Geronte que eu procuro?

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Não, não sei onde ele está.

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Pode dizer francamente. É somente para dar-lhe uma dúzia de cacetadas e meter-lhe a espada três ou quatro vezes na barriga.

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Já lhe disse que não sei onde ele está.

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Pareceu-me ver alguma coisa se mexendo neste saco. Há alguma coisa aí.

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Por favor, meu senhor, aqui não há nada.

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Em todo caso estou com vontade de meter a espada nele.

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Para quê, meu senhor?

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Então mostre o que tem nele.

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Mas para que isso, meu senhor?

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Ah, para que isso, é?

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* O senhor não tem nada com o que eu levo no meu saco.

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Mas mesmo assim eu quero ver.

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Isso é que não.

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Ah, é? Então tome essas cacetadas para aprender a ser mais delicado.

ESCAPIM — *(Com voz natural, enquanto espanca o saco.)* Ai, ai, ai. Ai, meu senhor! Ah, português dos seiscentos diabos!

GERONTE — Ah, eu estou morro não morro!

ESCAPIM — Eu já morri completamente.

GERONTE — Por que diabos eles só dão nas minhas costas?

ESCAPIM — Cuidado, aí vêm seis portugueses de uma vez.

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Agora nós encontraremos esse tal de Geronte, custe o que custar. — Nem que tenhamos de correr a cidade inteira. — Ah, é! Não se deve deixar nenhum lugar. — Vamos por ali! — Não, por aqui é melhor!

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Esconda-se bem.

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Ah, camaradas, eis aqui seu criado. Venha cá, seu canalha, você tem que nos mostrar seu patrão.

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Ah, meus senhores, por favor não me maltratem!

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Diga logo onde ele está. — Vá, depressa! — Quanto mais cedo melhor.

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Ah, meus senhores, por favor!

GERONTE põe a cabeça de fora do saco.

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Ou você nos mostra seu patrão, ou nós o cobriremos de pancadas!

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Prefiro morrer de pancadas a descobrir meu patrão.

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Olhe que vamos matá-lo de pancada!

ESCAPIM — *(Com voz natural.)* Façam de mim o que quiserem. Eu não trairei meu patrão.

ESCAPIM — *(Com voz de português.)* Ah, é assim? Então aguenta... Ai!

GERONTE *sai do saco e ESCAPIM corre.*

GERONTE — Ah infame! Ah traidor! Ah bandido! Era você o assassino!

Entra ZERBINETE.

ZERBINETE — *(Sem ver GERONTE.)* Ai, ai! Chega estou sufocada.

GERONTE — *(Resmungando.)* Você me pagará.

ZERBINETE — Que história mais engraçada a que fizeram com o velho!

GERONTE — Não vejo nada de engraçado nisso.

ZERBINETE — O quê? Que foi que o senhor disse?

GERONTE — Disse que você não deve mangar de mim.

ZERBINETE — Do senhor?

GERONTE — Sim.

ZERBINETE — E quem é que está mangando do senhor?

GERONTE — Você não está achando graça, diante de minhas barbas?

ZERBINETE — Não foi com o senhor. Estou rindo do que me contaram, a história mais engraçada que se pode imaginar. Não sei se é porque eu estou interessada no negócio, mas nunca vi coisa mais engraçada do que essa que um filho fez ao pai para lhe arrancar dinheiro.

GERONTE — Um filho ao pai? Para lhe arrancar dinheiro?

ZERBINETE — Sim. Não precisa me pedir, estou disposta a contar tudo. Tenho um fraco pelas histórias que posso contar.

GERONTE — Peço-lhe, então, que me conte esta.

ZERBINETE — Pois não. Eu não me arrisco nada contando-a, pois é uma aventura que logo se saberá. O destino quis que eu me encontrasse no meio de um bando de ciganos. Chegando nesta cidade, um rapaz me viu e se apaixonou por mim. Começou a me seguir e a se comportar como todos os moços, que pensam que basta falar conosco para arranjar tudo que querem. Mas encontrou comigo uma altivez que o obrigou a corrigir seu pensamento. Falou, então, com os ciganos e achou-os dispostos a me entregar a ele mediante algum dinheiro. Esse dinheiro ele não o tinha, pois seu pai, se bem que rico, é um avarento consumado. Espere, não me lembro de seu nome. Ajude-me um pouco: o senhor não pode se lembrar de alguém nesta cidade conhecido por ser avarento no último grau?

GERONTE — Não.

ZERBINETE — É um nome assim em “ronte”. O... Oronte. Não! Ge... Geronte. Sim, Geronte, exatamente! É esse, encontrei, é esse ladrão mesmo! Os ciganos quiseram ir embora hoje mesmo e por falta de dinheiro meu

namorado ia me perder. Mas para tirá-lo de seu pai, socorreu-se da astúcia de um empregado que ele tem, Escapim. É um homem incomparável.

GERONTE — (*À parte.*) Grandessíssimo safado!

ZERBINETE — (*Rindo.*) Não posso me lembrar do que ele fez sem achar graça.

(*Ri.*) Ele foi procurar esse cachorro desse avarento... (*Ri.*) ... e lhe disse que tinha ido passear no porto com o filho. (*Ri.*) Que eles tinham visto um navio turco onde tinham aprisionado seu filho, exigindo quinhentos escudos de resgate. (*Ri.*) Eis o ladrão numa angústia enorme, a ternura paterna fazendo um estranho combate com a avareza. Para ele, quinhentos escudos que lhe pedem são quinhentos bofetes que lhe dão. (*Ri.*) Imagine que ele quis enviar a justiça ao mar, que o criado fosse tomar o lugar do filho, que vendessem suas roupas que não valem trinta escudos, e a cada reflexão do criado só fazia dizer: “Mas que diabo ele foi fazer nesse navio?” Não é engraçado? Que acha?

GERONTE — Acho que o rapaz é um insolente que será castigado por seu pai pelo que fez. Acho que a cigana é uma impertinente, dizendo injúrias a um homem honrado, que há de lhe ensinar a não corromper os filhos de família. E acho que o criado é um bandido que será mandado por Geronte para a cadeia ainda hoje.

Sai. Entra SILVESTRE.

SILVESTRE — Você sabe que acaba de falar com o pai de seu namorado?

ZERBINETE — Estava começando a descobrir. Eu lhe contei toda a história.

SILVESTRE — A história?

ZERBINETE — Sim, estava louca para contá-la a alguém. Mas que importa?
Pior para ele. Do jeito que as coisas estão não podem mais melhorar nem piorar.

SILVESTRE — Mas como é que você não pode se calar a respeito de seus próprios assuntos?

ZERBINETE — Se ele não soubesse por mim teria sabido por outro.

Entra ARGANTE.

ARGANTE — Silvestre! Silvestre!

SILVESTRE — Vá para casa. Meu patrão está me chamando.

Sai ZERBINETE.

ARGANTE — Então vocês estavam de acordo, canalha! Você, Escapim e meu filho, para me enganar!

SILVESTRE — Meu senhor, se Escapim o enganou, lavo minhas mãos. Não tenho nada com isso.

ARGANTE — Isso é o que vamos ver, bandido! Ninguém passa papa na minha boca!

Entra GERONTE.

GERONTE — Ah, Argante, a desgraça caiu em cima de mim!

ARGANTE — Em cima de mim também.

GERONTE — O canalha do Escapim roubou-me quinhentos escudos (*SILVESTRE dá passos cautelosos para o fundo.*)

ARGANTE — Pois esse mesmo canalha também me levou duzentos.

GERONTE — E além de me roubar quinhentos escudos, ele me tratou de um modo que eu não posso nem dizer. Mas ele me pagará.

ARGANTE — A mim também ele há de pagar o que me fez.

GERONTE — Minha vingança vai ser completa. Mas isto não é tudo, Argante. Uma desgraça traz sempre outra. Eu me alegrava hoje com a esperança de ver minha filha, que era todo meu consolo. Acabo de saber, porém, que ela saiu há muito tempo de Tarento, correndo a notícia de que morreu num naufrágio do navio em que embarcou.

ARGANTE — Por que você não a mantinha aqui, deixando-a em Tarento?

GERONTE — Tive meus motivos para isso. Alguns interesses de família me obrigaram até a manter secreto o segundo casamento. Mas é possível?

Entra NERINA.

GERONTE — É você mesmo?

NERINA — (*Lançando-se a seus joelhos.*) Senhor Pandolfo!

GERONTE — Chame-me Geronte, não uso mais esse outro nome. Cessaram os motivos que me obrigaram a tomá-lo em Tarento.

NERINA — Essa mudança de nome foi a causa de nossos aperreios e inquietudes. Precisávamos encontrá-lo.

GERONTE — Onde está minha filha? E minha mulher?

NERINA — Sua filha não está longe daqui. Mas antes de trazê-la devo pedir perdão por tê-la casado, no abandono em que nos encontrávamos, sem o senhor.

GERONTE — Minha filha? Casada?

NERINA — Sim, meu senhor.

GERONTE — Com quem?

NERINA — Com um rapaz chamado Otávio, filho de um tal dum senhor Argante.

GERONTE — Meu Deus!

ARGANTE — Que coisa!

GERONTE — Leve-nos onde ela está.

NERINA — Basta entrar aqui.

GERONTE — Venha, venha comigo, Argante.

Saem ARGANTE e GERONTE.

SILVESTRE — É uma aventura a que se pode chamar surpreendente. Por essa ninguém esperava.

Entra ESCAPIM.

ESCAPIM — Olá, Silvestre, como vai tudo?

SILVESTRE — Tenho dois avisos a lhe fazer. Primeiro, o negócio de Otávio está resolvido. Nossa Jacinta é a filha do senhor Geronte e o acaso consumou o que a prudência dos pais tinha deliberado. O outro, é que os dois velhos estão fazendo contra você as piores ameaças, principalmente o senhor Geronte.

ESCAPIM — Isso não é nada. Ameaça não faz mal a ninguém.

SILVESTRE — Tome cuidado. Os filhos podem se reacomodar com os pais e você é quem sofre.

ESCAPIM — Deixe tudo por minha conta, hei de encontrar um meio de apaziguá-los.

SILVESTRE — Saia, lá vêm eles.

Sai ESCAPIM. Entram GERONTE, ARGANTE, NERINA e JACINTA.

GERONTE — Venha, minha filha, venha para casa. Minha alegria teria sido perfeita se sua mãe estivesse aqui.

ARGANTE — Aí vem Otávio, chega na hora.

Entra OTÁVIO.

ARGANTE — Venha, meu filho, venha se alegrar conosco pela feliz aventura de seu casamento.

OTÁVIO — *(Sem ver JACINTA.)* Não, meu pai, suas propostas de casamento não servirão para nada. Devo ser sincero com o senhor e já lhe contaram a respeito do outro.

ARGANTE — Sim, mas você não sabe...

OTÁVIO — Eu sei tudo o que é preciso saber.

ARGANTE — Mas quero lhe dizer que a filha de Geronte...

OTÁVIO — Não tenho nada a ver com a filha do senhor Geronte.

GERONTE — Mas é ela...

OTÁVIO — Não, meu senhor, peço-lhe perdão, mas minha decisão está tomada...

SILVESTRE — Escute...

OTÁVIO — Cale-se, não escutarei nada.

ARGANTE — Sua mulher...

OTÁVIO — Não, meu pai, já disse. Prefiro morrer a abandonar minha querida Jacinta. Não adianta nada, essa é a mulher que eu hei de amar por toda a vida. Eu não quero outra.

ARGANTE — Mas se é ela que queremos lhe dar! Diabo de homem mais teimoso!

JACINTA — Sim, Otávio, esse é meu pai e nós estamos bem, agora.

GERONTE — Vamos para minha casa, estaremos melhor do que aqui para celebrarmos tudo.

Entra ZERBINETE.

JACINTA — *(Vai abraçá-la.)* Ah, meu pai, peço-lhe por favor que não me separe dessa pessoa tão amável. Ela tem tanto mérito que o senhor a estimará quando a conhecer melhor.

GERONTE — Você quer então que eu receba em minha casa uma pessoa a quem seu irmão ama? E que vem me dizer milhares de besteiras a meu respeito?

ZERBINETE — Meu senhor, peço-lhe que me desculpe. Não teria falado daquele jeito se o conhecesse, e só o conhecia por ouvir dizer.

GERONTE — Como é? Por ouvir dizer?

JACINTA — A paixão que meu irmão tem por ela, meu pai, não tem nada de criminoso. Eu respondo pela virtude dela.

GERONTE — Essa é boa! Casar meu filho com ela! Uma moça desconhecida, com profissão de vagabunda!

Entra LEANDRO.

LEANDRO — Meu pai, não diga que eu amo uma desconhecida sem nascimento e sem fortuna. Os ciganos acabam de me dizer que ela é desta cidade e de família honesta. Eles a roubaram com a idade de quatro anos e me deram este bracelete que ajudará a encontrar seus parentes.

ARGANTE — Meu Deus! Por este bracelete, é minha filha, que perdi aos quatro anos!

GERONTE — Sua filha?

ARGANTE — Sim, é ela e tudo me indica que é verdade.

JACINTA — Quantas aventuras extraordinárias!

Entra CARLOS.

CARLOS — Ah, meus senhores, acaba de acontecer um acidente terrível.

GERONTE — Que foi?

CARLOS — O pobre Escapim...

GERONTE — É um canalha que vou mandar enforcar.

CARLOS — Não há mais necessidade disso, meu senhor. Ele ia passando perto de uma construção e caiu-lhe na cabeça um ferro de pedreiro. A cabeça se abriu, o miolo está caindo. Ele está morrendo e pediu para vê-los antes de morrer.

ARGANTE — Onde está ele?

CARLOS — Vem aí.

Entra ESCAPIM.

ESCAPIM — (*SILVESTRE e CARLOS ao seu lado.*) Ai, ai! Meus senhores, vocês estão me vendo... ai... estão me vendo num estranho estado. Não quis morrer sem pedir perdão a todas as pessoas a quem ofendi. Antes de dar o meu último suspiro, peço perdão a todos por tudo o que fiz, principalmente ao senhor Argante e ao senhor Geronte. Ai!

ARGANTE — Por mim, está perdoado. Pode morrer em paz.

ESCAPIM — (*A GERONTE.*) Mas foi ao senhor que eu ofendi mais com aquelas cacetadas que...

GERONTE — Cale a boca, eu o perdoo.

ESCAPIM — Foi um atrevimento muito grande aquele de dar-lhe as cacetadas que...

GERONTE — Deixe isso de mão.

ESCAPIM — Morrendo, meu maior desgosto são aquelas cacetadas que...

GERONTE — Ora bolas, já lhe disse que se calasse!

ESCAPIM — Aquelas cacetadas que...

GERONTE — Cale-se, está tudo esquecido.

ESCAPIM — Quanta bondade, a sua, perdoadando de todo coração aquelas cacetadas que...

GERONTE — Está certo, está certo, já lhe disse que perdoo tudo.

ESCAPIM — Ah, meu senhor, sinto-me muito contente, ouvindo isso.

GERONTE — Sim, mas eu só perdoo sob a condição de que você morra.

ESCAPIM — Como é, meu senhor?

GERONTE — Se você escapar, eu retiro o que disse.

ESCAPIM — Ai, ai! A agonia está recomeçando!

ARGANTE — Geronte, em nome de nossa alegria, você deve perdoá-lo sem condições.

GERONTE — Pois bem.

ARGANTE — Vamos então cear juntos, para gozar nossa alegria.

ESCAPIM — Quanto a mim, levem-me para a mesa, esperando minha morte.

Saem. ESCAPIM retira as ataduras, pisca o olho para a assistência.

PANO.